

Chacina do Rangel: uma análise sobre os processos de ressentimento, estigmatização, medos e vergonha em um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Processo de Produção de Conhecimento: Debate o discusión em Teoría Social

GT – 26: Sociologia do Corpo e das Emoções

Coordenadores GT: María Emilia Tijoux - Chile (coordenadora principal), Adrián Scribano, Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Roberto Merino.

Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury
Maurokoury@gmail.com

Resumo:

Este texto objetiva compreender a relação entre medos e cotidiano através de um caso acontecido em bairro periférico, na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil, em 2009, conhecido como “a chacina do Rangel”. Busca demonstrar como a articulação de certos sentimentos em um cenário específico compõe uma figuração moral, e procura compreender como se articulam as emoções vergonha e quebra da confiança para a montagem de uma justificação da ação moral. Parte da hipótese de que o episódio visto através dos sentimentos e padrões de confiança e vergonha permite abranger a constituição de uma esfera de significados simbólicos além da esfera puramente econômica, obedecendo a uma lógica de reparação e justiça distinta.

Palavras-chave: figuração moral, confiança, vergonha

Introdução

Este texto tem por objetivo compreender a relação entre medos e cotidiano a partir de um caso acontecido no bairro do Rangel, na cidade de João Pessoa, Paraíba, no dia 09 de julho de 2009, que ficou conhecido no imaginário de cidade como “a chacina do Rangel”. Neste episódio analisado um casal vizinho e parente de outro casal invade a residência do segundo e, a golpe de facão trucida toda a família até então unidas pelos laços de parentesco, compadrio e solidariedade, por um motivo aparentemente banal: a repreensão de um filho do casal agressor pela mãe do casal vitimado e por uma repartição, considerada injusta, de uma galinha.

O caso toma conta da mídia local e nacional, com grande estardalhaço e espetacularização nos jornais e noticiários paraibanos. A chacina ocasionou um grande sentimento de vergonha, de estigmatização e de medos na população do bairro e da cidade como um todo, de um lado, e do outro, sentimentos de revolta e de vingança, ocasionando uma catarse pública através de tentativas de linchamento dos acusados, choros, de desmaio durante o velório das vítimas, frequentado por todo o bairro e por moradores de outros bairros da capital, e mostrado localmente e nacionalmente pela mídia; ao mesmo tempo em que provoca o pânico moral na cidade.

Este texto busca demonstrar como a articulação de certos sentimentos em um cenário específico compõe uma figuração moral, analisando o caso “da chacina do Rangel”, e procura discutir e compreender como se articulam as emoções vergonha e quebra da confiança para a montagem de uma

justificação da ação mais ampla que é a moral. Parte da hipótese de que o episódio visto através dos sentimentos e padrões de confiança e vergonha permite perceber e compreender a constituição de uma esfera de significados simbólicos além da esfera puramente econômica, obedecendo a uma lógica de reparação e justiça distinta. Busca contribuir, enfim, com a relação entre medos e cotidiano no interior do debate no campo da sociologia da moralidade por meio de uma análise sociológica da experiência da moralidade vivido pelos dois casais amigos, parentes e compadres e agressores e vítima, bem como o caso foi trabalhado pela mídia e sua repercussão no imaginário do bairro e da cidade de João Pessoa, como vergonha, estigmatização e pânico moral; ou, em outras palavras, como os indivíduos vivenciam e estabelecem significados morais as suas ações e a dos outros em um dado momento cultural e social, e o papel da mídia na elaboração dos contornos que ressignificam esses sentidos em pânico moral.

Revisão da Literatura

O estudo da moralidade pertence tradicionalmente à filosofia onde o problema da fundamentação da normatividade é questionado do ponto de vista de uma lógica interna dos sistemas. O questionamento filosófico procura estabelecer o modo correto de viver, as ações apropriadas a uma vida reta e o que é necessário para sua realização. Ou seja, o discurso filosófico sobre a moralidade se estabelece no âmbito do dever ser, a esfera da normatividade é sua própria natureza. Essa abordagem é claramente contrária à tradição sociológica que não reconhece nenhuma esfera da normatividade em si, mas antes a relaciona a outras dimensões constitutivas da organização social, enfatizando os seus aspectos coercitivos.

Como já foi demonstrada por Zigmunt Bauman (1999) em *Modernidade e Holocausto*, a abordagem sociológica tradicional entende a ação moral como o resultado de outros fatores sociais (como a classe, por exemplo), o que elimina a possibilidade de uma compreensão da natureza da moralidade. Ainda para esse autor, a moralidade possui uma esfera específica com sentidos e justificação próprios. Mas, como podemos delimitar uma esfera da moralidade? É possível falar sociologicamente de uma esfera da ação social que é propriamente moral? Em seu trabalho sobre o ‘sofrimento distante’, Boltanski (1999) delinea o caminho de uma análise sociológica da moralidade ao demonstrar que para além dos atos heróicos, a moralidade é constituída em pequenos atos e diálogos cotidianos. De fato, o que está em jogo não é um ambiente ou um tipo de ação específicos, mas o processo de justificação dos atores, como estes articulam e fundamentam os significados da ação tomando como base sentidos morais. Seguindo a perspectiva de autores como Bauman e Boltanski, este artigo busca contribuir com o debate no campo da sociologia da moralidade através de uma análise sociológica da experiência da moralidade ou, em outros termos, como os atores sociais experienciam e constroem os significados morais.

Não se tratará diretamente dos sentimentos morais ou de virtudes, mas de demonstrar como a articulação de certos sentimentos compõe uma figuração moral. Analisando o caso específico de uma chacina acontecida no mês de julho de 2009 em um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, o bairro do Rangel, e que ficou conhecida na memória da cidade, através da veiculação pela imprensa local e nacional como “a chacina do Rangel”, discutiremos como os sentimentos de vergonha e de quebra da confiança se articulam para compor uma justificação da ação mais ampla que é a moral. Os motivos do crime, de extrema violência, se denotam a banalidade dos motivos conota a existência de elementos morais que chamam a atenção dos pesquisadores.

Um dos primeiros elementos a chamar a atenção é o de se tratar de um crime entre iguais, não só da situação de miséria, mas além da ordem econômica, trata-se da questão simbólica representada por laços de consangüinidade e de semelhança, onde a questão do ‘outro’ não existe senão como extensão

de si próprio, e onde o diferente estaria consignado nas hierarquias invisíveis dos sentidos emocionais, que Elias (1990; 1993), mais tarde, chamaria de vergonha, como emoção social.

A forma como a mídia interpretou o caso teve um enfoque aparentemente econômico, trazidos à tona pela repartição desigual de uma galinha, contudo, é possível ler nas entrelinhas todo um contexto de sentimentos e relações simbólicas tornadas invisíveis nas narrativas da imprensa, seja na interpretação do caso, seja no viés de configuração da violência intrínseca em um bairro popular. Esta pesquisa se orienta por caminhos diversos e próximos da sociologia das emoções (Turner, 2005; Koury, 2009a) e busca a compreensão do episódio através dos usos dos padrões de confiança e vergonha, para perceber a constituição de uma esfera de significados que é independente da economia e que, por conseguinte, apresenta uma lógica de reparação e justiça distinta.

O conceito de confiança tem sido analisado de forma bastante ampla nas ciências sociais, podendo ser tomado como pré-condição para a prosperidade (Fukuyama, 1995), capital social (Coleman, 1988; Putnam, 1993), cooperação (Gambeta, 1988), reputação (Dasgupta, 2000), evolução cooperativa (Bateson, 2000), etc. Neste artigo, pretende-se partir da noção simmeliana de confiança, tomada como uma combinação de boas razões e fé (ou crença forte). Para Simmel (1964; 2002; 2003; 2005; 2010), a confiança pode ser tratada como um sentimento que dá suporte à gratidão, já que está relacionada a um tipo de antecipação moral. A gratidão amplia uma relação que poderia findar com o ato de dar e receber, tocando a consciência dos indivíduos no sentido de enfatizar que as relações não se restringem às retribuições sociais, podendo ser tratada como um componente da ordem legal. Onde não há imposição, a gratidão é considerada completa, atuando através da reciprocidade interacional.

A gratidão pode ser vista como a memória moral da humanidade, de caráter mais prático e impulsivo. Segundo Möllering (2001), a noção de confiança em Simmel tem início com um processo mental formado pela *expectativa*, *interpretação* e *suspensão*. A *expectativa* no resultado favorável (quando há confiança) ou desfavorável (desconfiança) depende da *interpretação*, ou as boas razões que se baseiam na experiência cotidiana. A *suspensão* é o mecanismo que rompe com o desconhecido e produz um salto de confiança, através do conhecimento interpretativo momentaneamente certo. Esse elemento de fé ou crença forte realiza a mediação entre as bases da confiança reflexiva e interpretativa (boas razões) e as expectativas momentâneas na confiança.

A confiança é a base de microrrelações que orientam a prática cotidiana, assim como o segredo (Simmel, 1964; 1990; 2002; 2003). Sendo assim, a vida é sustentada, em boa medida, por fenômenos psicossociais, envolta em sentimentos e normas. Considerando que a ligação entre as bases de confiança e a expectativa do estado de confiança é mais fraca do que se pode supor, e que a integração social é garantida pela confiança, o caso discutido aqui pode ser tomado como um caso exemplar para discussão da tensão que ronda a confiança e a confiabilidade na orientação de um grupo: aqui, duas famílias unidas por laços de consanguinidade e reciprocidade em um cenário onde a lealdade e a antecipação de traição fundamentam a moral e as regras não ditas de convivência e respeito mútuo. E onde, a quebra desses laços provoca um sentimento de desrespeito pessoal em quem se sente injustiçado e acende o sentimento de humilhação e busca de expiação pela vingança. Resultando, no caso aqui analisado, na chacina do Rangel, como a imprensa apelidou e como hoje é conhecida no imaginário do bairro e da cidade de João Pessoa, onde o episódio ocorreu.

Confiança, Vergonha e Moralidade

O episódio envolveu duas famílias, vizinhas e com laços de parentesco, que por causa de um sentimento de repartição desigual do apurado do dia: uma galinha, e por desentendimentos entre as

crianças das duas famílias e a atitude da mãe da família agredida por ter tomado a defesa do seu filho, no apartar das duas crianças.

Os motivos do crime, de extrema violência e crueldade, indicam a banalidade dessa violência e permitem levantar questões sobre a existência de elementos morais que atraem a atenção dos pesquisadores. Um dos primeiros elementos a chamar a atenção é o de se tratar de um crime entre iguais, não só da situação de miséria, mas além da ordem econômica, da questão simbólica representada por laços de consangüinidade e de semelhança, onde a questão do 'outro' não existe senão como extensão de si próprio, o que, por exemplo, Park, Burgess e McKensie (1925), inspirando-se em Simmel, nomeariam de uma socialidade primária, onde o diferente estaria assinalado nas hierarquias invisíveis dos sentidos emocionais, que Elias (1990 e 1993) chamaria, mais tarde, de vergonha, como emoção social.

Esta socialidade primária, com suas hierarquias invisíveis, estaria baseada em uma forte solidariedade e reciprocidade nas ações comuns em ambas as famílias vizinhas. O início da história é comum a várias outras: um tempo atrás o casal, agora vitimado, migrou para João Pessoa, saindo de uma história de miséria no interior da Paraíba, mais precisamente, do município sertanejo de Catolé do Rocha (*Jornal o Globo, Rio de Janeiro, 09 de julho de 2009*). Ao chegar à capital, estabeleceu-se no bairro do Rangel e lá, ocupando um terreno baldio construiu a sua moradia. Sem encontrar emprego, o casal, de início, começou a coletar lixo para vender e, inclusive, alguns alimentos eram também retirados do lixo para alimentar o casal e os filhos que começaram a surgir. Algum tempo depois, o marido conseguiu emprego como *gesseiro* em uma fábrica de gesso na cidade de João Pessoa.

Alguns anos depois, um primo do marido do casal segue os passos dele e, adotando a rede de migração comum nos processos migratórios de grupos populares no Brasil, muda para João Pessoa e se estabelece também no Rangel, na casa dos primos, que o acolhem e o primo que o assumiu como hóspede consegue o seu primeiro emprego na cidade, na mesma fábrica de gesso em que trabalhava. Radicado na cidade, o segundo passo foi construir uma moradia no mesmo terreno ocupado pelo casal de primos que o acolheu.

A partir desse acolhimento familiar, o casal de primos inicia o segundo casal no processo de adaptação à cidade. As duas famílias participam, assim, dessa nova inserção à cidade e a luta pela sobrevivência diária é minorada pela solidariedade e reciprocidade nas trocas de serviço e ajuda mútua no cotidiano.

Um tempo mais tarde, o primo migrante seria demitido do emprego de *gesseiro*, por alegação da empresa de corte de pessoal. De acordo o jornal *O Norte (João Pessoa, de 11 de julho de 2009)*, o primo migrante demitido alegou que teria sido demitido por ter brigado no trabalho e que foi denunciado na direção pelo próprio primo que o acolheu. Embora nunca tenha comentado o episódio com ninguém, até àquele momento, teria guardado uma mágoa e certo rancor e despeito pela atitude do primo.

Desempregado, começou a viver de bicos e cata eventual de lixo na cidade de João Pessoa, com a participação do primo que o acolheu e das mulheres nos finais de semana. As próprias crianças eram acompanhadas mais de perto por adultos no seu crescimento. Uma das mulheres de cada grupo sempre permanecia em casa, em regime de rotatividade, para garantir a vigilância e o acompanhamento diário das crianças.

Nesse ritmo cotidiano as duas famílias iam sobrevivendo, com laços cada vez mais estreitos, não só os de consangüinidade, mas também os laços de confiança e solidariedade estabelecidos entre eles, e o da gratidão e lealdade geradas pelas formas de inserção de uma família pela outra na urbe, bem como nos processos harmônicos da partilha dos bens achados e dos cuidados com os filhos de ambos os casais. Embora, aqui e ali, mágoas, ressentimentos, rancores fosse se acumulando de forma invisível e

inconsciente, minando as relações entre as duas famílias ou tornando-as possível de desavenças e sentimentos de traição e desrespeito.

A mágoa, o ressentimento e o rancor, segundo Simmel (2010) fazem parte da gratidão e da lealdade, e são o seu outro lado: o lado obscuro destes sentimentos. Os laços que unem indivíduos em um sistema de reciprocidade fechado e baseado no sistema lealdade-gratidão se possibilitam uma harmonização dos interesses envolvidos no jogo relacional, por outro lado favorecem uma grade de tensões expostas a cada movimento da relação, compondo um elenco de situações caladas, omitidas, não de todo conscientes, seja pela hierarquia causada pela própria gratidão e pelo investimento na relação através do sistema de lealdades que prendem os dois lados relacionais, seja pelo sentimento de desatenção e de humilhação que uma das partes desenvolve por pequenos atos realizados pela outra parte.

Nos dois casos, a harmonização começa a fragmentar-se, de forma lenta, e a reciprocidade e simbiose do envolvimento com o outro se manifesta como um conjunto de mágoas que acumuladas podem se transformar em rancor e explodir em ira. Chico Buarque ao falar no esgarçamento das relações amorosas, diz em certo momento de sua canção *Gota D'água*¹: “*deixe em paz o meu coração / que ele é um copo até aqui de mágoa / e qualquer desatenção, faça não / pode ser a gota d'água*”.

Thomas Scheff e Suzanne Retzinger (1991) falam desse lado obscuro da gratidão e da lealdade através do conceito de vergonha-ira. Simmel, por sua vez, discute o processo de socialidade construído pela confiança e lealdade como um processo que estabelece uma igualdade desigual entre os membros do grupo, no caso as duas famílias, e comenta que esta forma desigual da igualdade é invisível ou inconsciente às partes relacionais, mas sempre desperta quando cada uma das partes se sente ameaçada pelo outra. Ou seja, em Simmel, a base da confiança é a busca de uma lealdade total, sempre quebrada pela possibilidade da desconfiança que paira como uma ameaça sobre as sólidas relações estabelecidas em um grupo de iguais. A antecipação da traição (citar o autor do conceito que não recordo agora) por sua vez, se estabelece os limites para cada ato de confiabilidade entre os membros do grupo, possibilita, também, a renovação dos laços e um aprimoramento das regras de confiança que une o grupo e seus membros. O grupo e seus membros se movem, assim, em uma tensão permanente entre a união e a desunião possível, o que estabelece um processo de vergonha social, que povoa e sedimenta a moral grupal, assim como aponta para as possíveis falhas e leva a desavenças e a sentimentos de raiva e endurecimento de ações caso uma das partes se sinta lesada por um acontecimento ou ação provocada pela outra parte.

É este o sentido tomado por esse projeto. A ação violenta de um casal em relação ao outro, foi movida pelo sentimento de vergonha social, na sua forma de raiva ou ira, motivada pela certeza da traição. Isto é, pela compreensão de que uma das partes agiu de má fé em relação à outra parte, gerando não a desconfiança, mas a quebra de confiabilidade e os laços de reciprocidade que as uniam enquanto projeto comum.

Não foi uma ação banal isolada no tempo e no espaço, que motivou a chacina, mas um acúmulo de pequenas situações silenciadas e interpretadas pela parte pela parte ofendida como humilhação e desrespeito. Como disse Daly e Wilson (1988) falando de assassinatos entre iguais, a ação de agressão deve ser considerada no interior de um contexto de reputações e respeito pessoal².

¹ A canção *Gota D'Água* é integrante de uma peça teatral do mesmo nome de Chico Buarque e Paulo Pontes (1976). Esta peça retrata uma tragédia da cena urbana brasileira, baseada na peça clássica grega de Eurípedes, *Medeia*, e tem como pano de fundo as relações amorosas entre dois personagens, Jasão e Joana. Abandonada por Jasão, Joana mata os dois filhos e depois se suicida em uma espécie de vingança pelo abandono. A letra da música ganhou vida independente da peça, e é também considerada uma canção clássica do autor.

² As chacinas, ou homicídios múltiplos, no Brasil são pouco analisados dentro da literatura especializada nas ciências sociais, apesar de ser uma expressão da violência em crescente expansão no meio urbano nacional deste os anos de 1970, e de antes terem uma expressão forte, como forma de controle político ou econômico do poder do latifúndio, no meio rural.

Ao acharem que a outra família queria 'passar a perna' neles, seja pela atitude da mulher da primeira família que estava cuidando dos filhos dos dois casais enquanto os demais adultos tinham saído, seja pela repartição do apurado do dia: uma galinha cuja divisão entre as duas famílias foi considerada injusta, depois de uma longa discussão entre os casais, e, depois, de uma noite bebendo com a mulher e discutindo o assunto, partem para tomar satisfação com o casal praticante dos dois atos considerados injustos e de traição. Alienados pela raiva, humilhação, sentimento de desrespeito, de traição, armados com facão, trucidam a família que os lesou: “*O cenário do crime revela a verdadeira carnificina. Crianças degoladas e partes dos corpos separados por golpes de facão em vários locais da residência. Uma mão de uma das crianças foi encontrada em cima de um guarda roupa da residência*”, de acordo com notícias de última hora de um jornal on-line³.

A Chacina do Rangel, a Mídia e a Cidade

Após a chacina, que ficou conhecida na cidade como “a chacina do Rangel”, houve a prisão imediata do casal que, ainda acometidos pelo ato de vingança motivada pela traição do casal com que partilhavam laços de confiança e lealdade, dizem não ter arrependimento do ato⁴. O fato logo chega à imprensa que brada a desumanidade de tamanha violência pela repartição injusta de uma galinha e pela repreensão também injusta de um dos seus filhos pela mãe da família trucidada, e emociona toda a cidade e todo o bairro onde aconteceu a chacina.

Vizinhos que escutaram na madrugada os gritos de desespero da família trucidada, contam que não saíram de suas casas para acudir as vítimas por que ficaram com medo, mas ligaram para a polícia que chegou uma hora após a chacina (*O Norte, 11 de julho de 2009*). Ao chegarem, encontraram os corpos trucidados e pedaços espalhados pelos cômodos⁵.

Ao todo foram cinco mortos: o pai, a mãe grávida de gêmeos, três filhos, mais um gravemente ferido. Uma das crianças escapou com vida, por esconder-se embaixo de uma das camas e não ser visto pelo casal em fúria. O outro filho ferido, com um corte que ia do rosto até o final do pescoço, conseguiu indicar para os policiais os nomes dos agressores.

Procurados pelos arredores, foram encontrados em sua casa, cansados pelo esforço cometido durante o massacre e dormindo. Foram presos em flagrante, autuados por homicídio triplamente qualificado e

Luis Mis (2004) chama a chacina de crime espetáculo e a relaciona com a necessidade de grupos especiais mostrarem a sua força e dar espetáculo (Mis, 2004, p. 438). Quase todo estudo sobre violência urbana no país, das três últimas décadas do século XX até hoje se refere ao aumento desta forma de expressão violenta no país, sem aprofundarem a questão, e a associam especificamente a bandos armados de *justiceiros*, de *grupos de extermínio*, de *paramilitares* ou do próprio *aparato policial*, como uma forma de expressão violenta advinda dos porões da ditadura militar recente que se estendeu no país de 1964 a 1985 (Santos, 1999; Brasiliense, 2006). As referências nestes estudos aludem, também, as chacinas movidas pelo narcotráfico e associadas à guerra entre traficantes e policiais ou entre quadrilhas em disputa por território, ou por ações de execução de punições a alguém e sua família que desobedeceu a ordem do tráfico, acerto de contas entre bandos rivais, entre outras (Peralva, 2001). Fazem referência, ainda, às chacinas motivadas por questões econômicas e poder político, etc.. Em um levantamento importante sobre as chacinas ocorridas no Brasil, Carvalho (2000).

³ “Chacina no Rangel: 4 pessoas de uma mesma família são executadas a golpes de facão”. In: *ClickPB* <http://www.clikPB.com.br>, de 09 de julho de 2009 (lido em 25.04.2010).

⁴ Na primeira audiência em que os réus foram apresentados e arguídos perante o tribunal do júri, o homem acusado pede desculpas ‘ao Brasil’ pelo ato cometido; se diz arrependido e fala do momento da ação que resultou a chacina como um momento de ‘furo’, de ‘frenesi’ que ocupou todo o seu corpo e mente. Dias que por muitos dias após o acontecimento não conseguia lembrar ‘de nada’ do acontecido e que, ainda hoje, relembra o episódio através de *flashes*, tendo dificuldade em recordar a ação por inteiro.

⁵ Todos os jornais da cidade, principalmente os *Blogs* de notícias e jornais *online*, trazem uma profusão de fotografias, que mostram detalhes impressionantes da tragédia. As fotos não serão expostas neste artigo, e farão parte de outro trabalho onde se discutirá a questão da fotografia, corpos trucidados e morte violenta.

encaminhados para penitenciárias da capital (*Informe Notícia*. www.informenoticial.com.br de 10 de julho de 2009; *O Norte, João Pessoa*, 10 de julho de 2009; *Diário de Pernambuco, Recife*, 10 de julho de 2009; *Jornal do Comércio, Recife*, 10 de julho de 2009, entre outros).

O papel da mídia na construção do imaginário social e na constituição do pânico moral através da espetacularização e ênfase sobre notícias o episódio, foi um dos elementos marcantes na *performance* da população do bairro e da cidade de João Pessoa em relação ao episódio. Rádios, jornais impressos, noticiários de televisão, internet, todos os veículos da mídia passaram o dia e a semana a transmitir notícias sobre a chacina. A ‘chacina do Rangel’ comoveu a cidade. Ainda de madrugada do dia 09 de julho de 2009, após a prisão em flagrante dos agressores, houve uma mobilização entre os vizinhos e populares de outros bairros populares próximos ao Rangel (Mangabeira, Valentina de Figueiredo, Cristo Redentor, Geisel, Ilha do Bispo, Alto do Mateus, entre outros) atraídos para o local pelo noticiário da tragédia recém acontecida, para o linchamento do casal de agressores⁶. Reuniram-se em locais estratégicos em pequenos grupos, esperando a passagem dos agressores levados presos pela polícia.

Avisados a tempo, os policiais conseguiram desviar a rota e dispersar os agressores, que logo após, mas uma vez estimulados pela mídia, se reuniram em frente da delegacia para onde o casal foi levado e permaneceram até o início do dia gritando “queremos justiça”; “assassinos”; “monstros”; “dêem eles prá nós” (*O Norte, Correio da Paraíba; Já Paraíba*, todos de João Pessoa, 09 de julho de 2009)⁷. A cidade viveu uma verdadeira catarse social.

No velório da família, realizado em um estádio cedido pela Igreja local, milhares de pessoas foram velar os corpos e chorar e gritar vingança. Filas que duraram o dia inteiro, até a saída dos caixões para o enterro em um cemitério local: os caixões seguiram em carro de bombeiro, acompanhados pela população que gritava por justiça e se indagavam se os agressores eram de fato humanos. Chamados de monstros, de *demo*, e de outros termos que denotavam a sua desumanidade, clamavam que eles não mereciam viver, mas serem mortos com mais crueldade do que a cometida durante a chacina⁸.

A polícia local também se aproveitou da situação para criar uma *média* nessa comoção social. Em uma encenação de interrogatório, gravada através da câmera de um telefone celular, policiais torturam o acusado masculino em uma cela da delegacia em que se encontrava. A gravação com a tortura do autor masculino da chacina chega às mãos da imprensa, que o divulga nacionalmente em todos os noticiários do dia 10 de julho de 2009. O vídeo causou duas reações: a primeira, a de indignação de

⁶ Em um artigo sobre linchamento, Martins (1995) observa, de um lado, a escassez de bibliografia sobre o assunto no Brasil e, de outro, em uma rápida comparação com os estudos nos Estados Unidos, informa que, no caso brasileiro, diferentemente, dos Estados Unidos, os linchamentos são puramente punitivos: “os linchadores querem atingir fundamentalmente a própria vítima (...). (No caso brasileiro) “ainda predominam fortemente os componentes irracionais do comportamento coletivo. (...) o objetivo é o de punir (o agressor potencial) com redobrada crueldade em relação ao delito que o motiva. Aqui, o linchamento é claramente vingativo (p. 298).

⁷ Ver também os noticiários das retransmissoras locais das principais redes de televisão sobre a questão (inclusive com vídeos dos amotinados), e as notícias online sobre a preparação para um possível linchamento dos acusados da chacina.

⁸ Martins (1995), também fala na questão do questionamento da desordem (p. 299) na motivação do linchamento ou da busca de soluções cruéis para potenciais agressores que imputam crimes considerados desumanos pela população. À lógica da desumanidade das ações, assim, parece ser remetida a uma outra lógica, do recebimento cruel de punição, de preferência pelas mãos da própria população indignada. É interessante ver, a esse respeito, os comentários diversos de populares, que chegam, em alguns casos, a mais de cinquenta por notícia, nos *Blogs* e noticiário *online* sobre a chacina do Rangel. O tratamento dos agressores de *desumanos, cometidos pelo demônio, filhos do demo, não são humanos*, etc., e de que merecem a morte, de forma mais cruel do que a cometida; associados a um sentimento de vergonha de tal crime ter sido cometido no bairro, na cidade de João Pessoa, ou na Paraíba, desonrando o bairro, a cidade e o Estado (“*hoje tenho vergonha de ser paraibano*”; “*não sinto mais orgulho da minha terra, depois de um crime como esse manchou a reputação de todos nós*, entre outros comentários), são repetidos a exaustão.

setores ligados aos direitos humanos local e nacional, do desrespeito com um prisioneiro sob custódia do estado; a segunda reação, porém foi a de satisfação pelo sofrimento do ‘monstro’. Nos *Blogs* que repassaram o vídeo de tortura do acusado da chacina, o comentário de quem o assistiu foi o de parabenizar os policiais que executaram a ação de tortura⁹. Muitos chegaram a dizer que “*estavam com a alma lavada*” ou “*que os policiais lavaram a honra dos paraibanos, torturando esse filho do demo*”, ou ainda, “*pena que não o tenha matado*”.

É interessante que o impacto causado pela chacina trouxe dois elementos à tona. De um lado, a indignação pelo próprio ato da chacina e a violação de valores, concepções e normas de conduta e de condução de conflitos interpessoais, em uma sociedade ainda de laços profundamente pessoalizados, de outro lado, da vergonha da incivilidade do ato, que desonra o próprio estado da Paraíba e dos seus habitantes.

Os dois elementos trazem em si marcas contundentes do sentimento de inferioridade e envergonhamento trazidos à tona pelo massacre, pela ação da chacina do Rangel. Daí a necessidade de separar o humano do desumano no entendimento do crime, ao mesmo tempo em que no ato de envergonhar-se pelo ato do outro que manchou o estado, a cidade e o bairro, tinha o sentido de separar o desumano dos demais (a população local): a incivilidade e selvageria do ato dos atos de civilização. Ao se envergonhar, ao colocar o casal assassino como desumano se buscava reconvocar para si e para o povo paraibano o estatuto do humano. Era como expurgar a mancha que pairou sobre todos no ato insano do casal¹⁰, revelando as feridas de um sentimento de exclusão social frente a si mesmo e os outros.

Dias depois, as duas casas onde moravam as famílias vizinhas e aparentadas foram derrubadas por moradores da vizinhança com a benção da igreja católica a quem o terreno invadido pertencia¹¹, e no lugar das moradias deveria ser erguida uma capela, para a limpeza do mal enraizado naquele terreno, após a chacina, e para lembrar o episódio como um alerta para a paz, e como uma demonstração de que o bairro precisa ser olhado como um ambiente onde moram trabalhadores, e não de um lugar violento como o retrata a imprensa e a cidade, e piorado com o episódio da chacina.

O ato de destruição foi repudiado pela polícia local e pelo ministério público estadual. Pelo primeiro, porque a polícia não pode fazer novas perícias no local do crime; pelo segundo, porque a casa pertencia e era patrimônio dos filhos vivos das vítimas, bem como dos filhos dos agressores. A Igreja Católica, dona dos terrenos, que de início estimulou a derrubada das casas, junto com alguns radialistas, recuou e se fingiu de morta, os radialistas se calaram e os protestos da polícia e do ministério público morreu na simples denúncia ao ato.

Após destruírem as duas casas, não houve de nenhuma parte qualquer tipo de colaboração para a construção da capela. Um ano após a chacina, os entulhos da casa ainda continuam no lugar, assombrando o local. O jornal *O Norte (João Pessoa, 09 de julho de 2010)*, expõe a chaga dos entulhos na vida dos moradores da rua e do bairro do Rangel onde aconteceu a chacina. Na matéria que relembra um ano do massacre, trás um relato de uma moradora e vizinha dos dois casais, ex-amigos e atores da

⁹ Um inquérito para apurar a tortura foi aberto pelo Ministério Público contra os agressores, tendo o réu acusado da chacina como vítima. Este processo pouco sofreu continuidade, até o presente momento. Encontra-se lacrado em uma delegacia especializada para turistas, na cidade de João Pessoa, que também se encontra com o prédio fechado para reforma em sua estrutura. Deste modo, os pesquisadores não tiveram acesso aos autos do processo sobre a tortura sofrida pelo réu, esperando a reinauguração da delegacia em reforma e a quebra dos lacres em todos os processos em seu poder.

¹⁰ Ver a discussão sobre catarse social em Durkheim (2003) e Mauss (1974).

¹¹ Estimulados pela mídia e por radialistas, segundo matéria jornalística (*WScom*, de 09 de julho de 2010, retirada de <http://wscom.com.br/noticia/paraiba/CAPELA+DAS+VITIMAS+NAO+PASSA+DE+ENTULHO+-89958>) que lembra um ano da chacina do Rangel, no dia 18 de julho de 2009, nove dias após a chacina, um grupo de moradores do Rangel demoliram as casas das duas famílias.

tragédia como vítimas e agressores. Neste relato, a entrevistada informa que não consegue se aproximar dos terrenos onde restam os entulhos das duas casas: “Eu tenho medo de chegar lá. Daqui de casa já é difícil esquecer o que aconteceu. Fico o mais longe possível para não lembrar ainda mais daquela tragédia”. Nas demais casas vizinhas, o dia 9 de julho se transformou em um dia de rezas e orações, para esquecer a tragédia, chorar os mortos, e pedir para que *aquilo* não volte a acontecer.

O governo de estado anunciou no dia 09 de julho de 2010, a doação de duas novas casas: uma aos filhos sobreviventes da vítima e outro aos filhos do casal agressor. O bairro, os sobreviventes, a cidade, o estado procuram recomeçar o cotidiano. O casal continua preso. De início, o agressor masculino assumiu toda a culpa pela chacina, inocentando sua mulher. Hoje, mudou seu depoimento e informa que a mulher também participou ativamente da chacina, matando uma das crianças e a mulher grávida. O que condiz com o depoimento de uma das vítimas que sobreviveu ao massacre.

O julgamento popular está para ser marcado para o mês de setembro de 2010, embora com grande chance de ser adiado por causa das eleições majoritárias no estado e no país. O medo do episódio, na separação do legal e do popular no decorrer das notícias do massacre, e de uma nova catarse pública trazida à tona no transcorrer do julgamento, ainda tem muito a revelar, apesar da aparente volta ao cotidiano da cidade. As instituições se acautelam (Douglas, 2007).

Considerações finais

Este artigo, enfim, buscou compreender a relação entre medos e cotidiano a partir de um caso acontecido no bairro do Rangel, na cidade de João Pessoa, Paraíba, no mês de julho de 2009, que ficou conhecido no imaginário de cidade como “a chacina do Rangel”. A narrativa apresentada, através de um balanço das emoções envolvidas no processo, se baseou na terminologia Eliasiana sobre o sentimento vergonha, como um sentimento social e moral, associando-a as noções de quebra de confiança de Sennet (1980; 1972) e de raiva-ira, e de inferioridade, trazidas por Retzinger (1991), Scheff (1990) e Scheff e Retzinger (1991), entre outros. Neste artigo se procurou apresentar o caso acima narrado através de uma análise do cotidiano de famílias recém-chegadas do interior, moradoras de periferia e vítimas da insensibilidade e da violência do estado e da urbe onde passam a morar e buscar o seu sustento. Tem como foco, elementos de cooperação e confiança e as frágeis fronteiras que levam ao sentimento de inferioridade e de deslealdade do outro. Embora não seja o foco principal do trabalho, a questão da moralidade através do espetáculo midiático que o episódio tomou e da catarse pública, na própria comunidade onde aconteceu o episódio violento, como da cidade e do Brasil, foi também cenário para o entendimento da situação aqui tratada.

Bibliografia

ADORNO, Theodor. (1950). *The Authoritarian personality*. New York: Norton.

ADORNO, Theodor. (2000). *Problems of Moral Philosophy*. Cambridge: Polity Press

ADORNO, Theodor. (2008). *Minima Moralia: reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Azougue.

ADORNO, Theodor. (2009). *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

- BATESON, Patrick (2000). "The biological evolution of cooperation and trust" in Diego Gambetta (ed.), *Trust: making and breaking cooperative relations*, electronic edition, Department of Sociology, University of Oxford, chapter 2, p.14-30, <http://www.sociology.ox.ac.uk/papers/bateson14-30.doc>
- BAUMAN, Zigmunt. (1998). *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zigmunt. (1999). *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOLTANSKI, Luc. (1999). *Distant Suffering: Morality, Media and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRASILIENSE, Danielle Ramos (2006). *Tessiduras narrativas de O Globo e o acontecimento "chacina da Candelária"*. (Dissertação). Niterói: UFF.
- BRITO, Simone Magalhães. (2007), "Vida Falsa: Adorno e a experiência moderna sob o ponto de vista da moral". *Política & Trabalho*, 26: 57-83.
- BRITO, Simone Magalhães. (2007), *Negative Morality: Adorno's Sociology*. Tese de Doutorado. Lancaster University.
- BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. (1976). *Gota D'Água*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COLEMAN, James S. (1988). "Social Capital in the Creation of Human Capital". *American Journal of Sociology*, nº 94, 95-120.
- COOK, Karen S. (Org.) (2001). *Trust in society*. London, Sage Foundation.
- DALY, Martin e WILSON, Margo (1988). *Homicide*. New York, Aldine de Gruyter.
- DASGUPTA, Partha (2000). "Trust as a commodity" in Diego Gambetta (ed.), *Trust: making and breaking cooperative relations*, electronic edition, Department of Sociology, University of Oxford, chapter 4, p.49-72, <http://www.sociology.ox.ac.uk/papers/dasgupta49-72.doc>
- DOUGLAS, Mary (2007). "As instituições lembram-se e se esquecem". In: *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp.
- DURKHEIM, Émilè (2003). *As formas elementares da vida religiosa*. 3ª edição, São Paulo, Martins Fontes.
- EISENSTADT, S.N. (1995). *Power, Trust and Meaning: Essays in Sociological Theory and Analysis*. London, The University of Chicago Press.
- ELIAS, Norbert (1991 e 1993). *O processo civilizador*. 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FUKUYAMA, F. (1995). *Trust: Social Virtues and the Creation of Prosperity*. New York, Free Press.

GAMBETTA, Diego (ed.) (1988). *Trust: Making and breaking cooperative relations*. New York, Blackwell.

GELLNER, Ernest (2000). “Trust, Cohesion, and the Social Order”, in Diego Gambetta (ed.) *Trust: Making and Breaking Cooperative Relations*, electronic edition, Department of Sociology, University of Oxford, chapter 9, p. 142-157,n

GOOD, David (2000). “Individuals, interpersonal relations, and trust” in Diego Gambetta (ed.), *Trust: making and breaking cooperative relations*, electronic edition, Department of Sociology, University of Oxford, chapter 3, p.31-48, <http://www.sociology.ox.ac.uk/papers/good31-48.doc>

HARDIN, Russel (2001). *Trust in society*. New York, Russel Sage Foundation.

HAWTHORN, Geoffrey (2000). “Three ironies in trust” in Diego Gambetta (ed.), *Trust: making and breaking cooperative relations*, electronic edition, Department of Sociology, University of Oxford, chapter 7, p.111-126, <http://www.sociology.ox.ac.uk/papers/hamthorn111-126.doc>

HELLER, Agnes. (1988). *General Ethics*. NY: Basil Blackwell. <http://www.sociology.ox.ac.uk/papers/gellner142-157.pdf>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2001). “Enraizamento, pertença e ação cultural”. *Cronos*, v.2, n.1, 131 a 137.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002). “Medo, Vida Cotidiana e Sociabilidade”. *Política & Trabalho*, n. 18, 09 a 19.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005). *Medos corriqueiros e sociabilidade*. João Pessoa: Editora Universitária.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2006). *O vínculo ritual*. João Pessoa: Editora Universitária.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2007). A noção de Medo na Visão dos moradores da cidade de João Pessoa, PB. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 6, n.16, 58 a 86. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse.html>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2007a). “Imaginário Social e Sentimentos de Medo na Cidade de João Pessoa, PB”. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 6, n. 17 234 a 275. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2008). *De que João Pessoa tem medo?* João Pessoa: Editora Universitária.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009). “O que é medo? um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba”. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, 402 a 410.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009a). *Emoções, Sociedade e Cultura*. Curitiba: Editora CRV.

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2010). “Identidade e Pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens”. *Etnográfica* (Lisboa), v. 14, n. 1, 27 a 58.
- MAUSS, Marcel (1974). “Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia”. In: *Sociologia e Antropologia*, v. 1, São Paulo: EPU/EDUSP, 177 a 205.
- MIS, Luís (2004). *Guerra Civil: Estado e Trauma*. São Paulo: Geração Editorial.
- MÖLLERING, Guido (2001). “The nature of trust: from Georg Simmel to a theory of expectation, interpretation and suspension”. *Sociology*, vol.35, No.2, 403-420.
- MÖLLERING, Guido (2002). “Traditional, Institutional and Active Trust: Just Do It!?”. *European Academy of Management*, Stockholm (Sweden), 9-11 May.
- MÖLLERING, Guido (2003), “Ideal-types of trust and the role of suspension”. Paper for the Track on Trust, European Academy of Management Conference, Milan, 3-5 april.
- PARK, Robert, BURGESS, E.W. & MCKENZIE, R.D. (1925). *The City*. Chicago: University of Chicago Press.
- PERALVA, Angelina (2001). “Violência brasileira: entre crescimento de igualdade e fragilidade institucional”. In: David W. Levisky, Org. *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção: ‘conhecendo, articulando, integrando e multiplicando’*. São Paulo: Casa do Psicólogo / Hebraica, 25-33.
- PUTNAM, Robert (1993). *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press.
- RETZINGER, Suzanne (1991). *Violent Emotions*. Newbury Park: Sage.
- ROSE, Gillian. (1978) *The Melancholy Science. An introduction to the thought of Theodor W. Adorno*. London: MacMillian.
- SANTOS, Vlória Jamile dos (1999). *Massacres: o silenciar da palavra democrática*. (Dissertação). Salvador: UFBA.
- SCHEFF, Thomas & RETZINGER, Suzanne (1991). *Violence and Emotions*. Lexington, Mass.: Lexington Books.
- SCHEFF, Thomas (1990). *Microsociology*. Chicago: University of Chicago Press.
- SENNET, Richard (1980). *Authority*. New York: Alfred Knopf.
- SENNET, Richard (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das letras.

- SENNET, Richard. (1972). *The hidden injuries of class*. New York: Vintage Books.
- SIMMEL, Georg (1964). The Secret and the Secret Society. In, Wolf, KH, Org. *The Sociology of Georg Simmel*. New York, Simon & Schuster Inc., 307 a 376.
- SIMMEL, Georg (1983), *Georg Simmel: Sociologia/organizador* (da coletânea): Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática.
- SIMMEL, Georg (2001), *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- SIMMEL, Georg (2003).“Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica”, *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 2, n. 6: 513-519. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse.html>
- SIMMEL, Georg (2004), *Fidelidade e gratidão e outros textos*, Lisboa, Relógio d’água.
- SIMMEL, Georg (2005). “O estrangeiro”. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 4, n. 12: 350-357. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse.html>
- SIMMEL, Georg. (1990). *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot.
- SIMMEL, Georg. (2002). “A carta: por uma sociologia do segredo”. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 1, n. 3, 384-387. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse.html>
- SIMMEL, Georg. (2010). “Um passeio sobre a questão da fronteira social”. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 9, n. 25, 370-379. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse.html>
- TESTER, K. (1997). *Moral culture*. London; Thousand Oaks: Sage
- TESTER, K. (2001). *Compassion, morality, and the media*. Philadelphia: Open University.
- TIEDEMANN, R. (Ed). (2003) *Can one live after Auschwitz? A philosophical reader*. California: Stanford University Press.
- TURNER, Jonathan H (Ed). (2005). *The sociology of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZAMBONI, Marcela (2009). “‘Você inventa o amor, eu invento a solidão’: do essencialismo aos determinantes culturais em Georg Simmel”. *Política & Trabalho* (UFPB. Impresso), v. 27/30, 157-174.
- ZAMBONI, Marcela (2009). “*Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor*”: a confiança nas relações amorosas, Recife, Pernambuco. Tese. PPGS/UFPE, mimeo.